



CCB

concerto de natal

Caderno de Viagens (2): Londres

Orquestra de Câmara Portuguesa

direcção Pedro Carneiro

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO | ANTÓNIO MEGA FERREIRA | PRESIDENTE | ANA ISABEL TRIGO MORAIS | VOGAL | MARGARIDA VEIGA | VOGAL |
CENTRO DE ESPECTÁCULOS | DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL | COELHO ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO | LUISA TAVEIRA ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO | CLÁUDIA BELCHIOR | ASSESSOR PARA PRO-
GRAMAÇÃO MUSICAL | JOÃO GÓDINHO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO | LUISA INÉS | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO | CARLA RUIZ | PRODUÇÃO | INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPEZ | VERA ROSA | JOÃO MARTINS
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO | RITA BAGORRO | DIRECTOR DE CENA | COORDENADOR | JONAS OMBERG | DIRECTORES DE CENA | PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | JOSE VALÉRIO ESTAGIÁRIA | FRANCISCA RODRI-
GUES | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA | YOLANDA SEARA | DIRECTOR TÉCNICO | PAULO GRAÇA | CHEFE TÉCNICO DE PALCO | RUI MARCELINO | SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA | SOFIA MATOS | TÉCNICO PRINCIPAL PE-
DRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGURO | TÉCNICO EXECUTIVO | ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUÑES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | IRUI CROÇA |
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS | NUNO GRACIO | TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS | RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E
MANUTENÇÃO | SIAMANTO ISMAYIL | TÉCNICO DE MANUTENÇÃO | JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

concerto de natal

Caderno de
Viagens (2): Londres

**Orquestra de
Câmara Portuguesa**

direcção Pedro Carneiro
Ensaaiador de cordas Adrian Florescu
Soprano Sara Braga Simões

PROGRAMA

GEORGE BENJAMIN *A Mind of Winter*

JOSEPH HAYDN Sinfonia 104 em Ré maior, *Londres*

I. Adagio Allegro

II. Andante

III. Allegro Minuete e Trio

IV. Finale: Spiritoso

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY

Sinfonia n.º 4, *Italiana*, op. 90

I. Allegro vivace

II. Andante con moto

III. Con moto moderato

IV. Saltarello: Presto

23 DEZ '09

GRANDE AUDITÓRIO . 21H . M/12
C/ INTERVALO



ANTENA 2

RTP2

Portimão
Câmara Municipal

GEORGE BENJAMIN: *A Mind of Winter*

Nascido em 1960, George Benjamin teve o seu primeiro grande sucesso em 1980. Com apenas vinte anos e ainda estudante tornou-se o mais jovem compositor até então a ter uma obra tocada nos Concertos Proms da BBC. Já nessa época era reconhecido por Olivier Messiaen como um dos seus alunos mais promissores.

A Mind of Winter foi composta logo depois, em 1981, como resposta a uma encomenda da Scottish Chamber Orchestra e do Aldenberg Festival.

Sobre esta obra escreveu George Benjamin:

*“A Mind of Winter é baseada em **The Snow Man**, do poeta americano Wallace Stevens. Contemporâneo de Eliot e Pound viveu a maior parte da sua vida na Nova Inglaterra e só recentemente a sua importância tem sido reconhecida e amplamente aclamada. Foram dois os aspectos que me chamaram de imediato a atenção para **The Snow Man**: a abundância de belas imagens invernosas numa moldura compacta; e a profunda ambiguidade do seu sentido. Nesta adaptação o terreno gelado e coberto de neve é ilustrado por um acorde em Lá menor imóvel, a quatro partes, nas cordas com surdina; os pratos suspensos e os *glissandos* divididos pelas cordas representam as fortes rajadas de vento gelado. Vários aspectos individuais da cena são sugeridos por outros instrumentos — um oboé solo, grupos de duas ou três madeiras, duas trompas. No centro da paisagem está o boneco de neve (The Snow Man) solitário — um trompete *piccolo* com surdina. À volta deste o soprano tece frases lentas e angulares enquanto contempla ‘O nada que não está ali e o nada que está’ [Nothing that is not there and the nothing that is].”*

É com grande mestria que Benjamin utiliza os recursos dos instrumentos nas suas orquestrações, originando uma paleta de cores/ambientes sonoros muito variados e precisos.

As paisagens descritas no poema e a solidão do homem da neve são transportados para o universo sonoro com enorme precisão e clareza. A quietude da paisagem branca, que Wallace terá conhecido na Nova Inglaterra e que Benjamin conhece certamente do campo inglês, é transposta para o acorde que ele descreve, transportando-nos para essas terras do frio branco e de uma quietude quase surda.

George Benjamin, por vezes apelidado de “o novo Britten”, é hoje em dia um dos compositores da sua geração com maior sucesso internacional.

No próximo ano, na celebração dos seus 50 anos, será homenageado num concerto da London Sinfonietta, um dos mais prestigiados ensembles de música contemporânea.

The Snow Man de Wallace Stevens

*One must have a mind of winter
To regard the frost and the boughs
Of the pine-trees crusted with snow;
And have been cold a long time
To behold the junipers shagged with ice,
The spruces rough in the distant glitter
Of the January sun; and not to think
Of any misery in the sound of the wind,
In the sound of a few leaves,
Which is the sound of the land
Full of the same wind
That is blowing in the same bare place
For the listener, who listens in the snow,
And, nothing himself, beholds
Nothing that is not there and the nothing that is.*

NOTAS DE PROGRAMA

Viagem no tempo e no espaço a Londres.

O concerto inicia-se com um compositor contemporâneo, que da sua origem londrina partiu para o mundo. À beira dos cinquenta anos, **George Benjamin** começou há algum tempo a ser conhecido internacionalmente.

Seguir-se-ão **Haydn** e **Mendelssohn**, um austríaco e um alemão que fizeram o percurso inverso: atravessaram o Canal da Mancha para ter grande sucesso em Inglaterra — o primeiro no século XVIII e o segundo no século XIX —, e cuja música marcou os compositores ingleses durante muitos anos.

Em termos temporais apercebemo-nos de como a utilização e os recursos dos instrumentos da chamada “orquestra clássica” foi evoluindo desde **Haydn**. Efectivamente, as três obras deste programa utilizam um efectivo instrumental semelhante, mas a sonoridade produzida acaba por ser bastante diferente, sobretudo no caso de **George Benjamin**.

Esta diferença tem origem em dois aspectos principais: a evolução da construção dos instrumentos, que permite que os instrumentos actuais tenham uma larga paleta de efeitos (sons diferentes das notas habituais) disponível; por outro lado, as próprias técnicas e estéticas de composição concedem hoje uma maior liberdade aos compositores, que não têm que se restringir às mesmas regras, podendo cada um forjar o seu próprio ambiente sonoro através de fórmulas pessoais.

JOSEPH HAYDN: SINFONIA 104 EM RÉ MAIOR, *Londres*

É a última sinfonia do compositor e também considerada a mais bela das 106 que compôs.

Após a morte do príncipe Nikolaus Esterházy, o seu sucessor, o príncipe Paul Anton, demitiu a orquestra e os músicos do palácio e atribuiu uma pensão a **Haydn**, dispensando os seus serviços. Ao voltar a Viena, o compositor recebeu um convite de um empresário vienense fixado em Londres, Johann Peter Salomon. **Haydn** deveria compor e dirigir em Londres novas sinfonias para grande orquestra em concertos de uma temporada organizada por Salomon.

Nos anos seguintes o compositor atravessaria por duas vezes o Canal da Mancha em direcção a Inglaterra. Os seus concertos alcançaram um enorme sucesso, mesmo a nível comercial. Esta última sinfonia, composta em 1795 para o último concerto em Londres, recebeu o nome da cidade e do conjunto de sinfonias destes concertos. Rendeu a **Haydn** quatro vezes o montante da pensão anual que recebia dos Esterházy. As suas obras tomavam o lugar de honra no início da segunda parte, uma vez que se pensava que só após o intervalo o público interessado marcaria presença.

A designação de “grande orquestra”, usada no tempo de **Haydn**, pode parecer-nos hoje surpreendente face às orquestras que conhecemos das obras de Wagner, Mahler, Ligeti ou Stockhausen, mas nessa época a orquestra aqui presente era efectivamente considerada muito grande. Chama-se clássica precisamente porque a sua formação se estabilizou neste período do Classicismo: madeiras a dois (flautas, oboés, clarinetes, fagotes e trompas, dois de cada) e a utilização dos tímpanos como parte integrante da orquestra.

A sinfonia começava também a tomar forma: um grande início solene que, à falta de um interruptor para a luz eléctrica, servia como chamada de atenção dos presentes para o início do concerto; a formalização e o crescimento da duração dos quatro andamentos. Estes preceitos manter-se-iam relativamente estáveis durante mais de cem anos. Desta forma, a Sinfonia **Londres** tem no primeiro andamento um *Adagio majestoso* — a abertura —, seguido de um *Allegro*. O segundo andamento é *Andante*, mais lento e contemplativo. O terceiro andamento é um *Allegro* constituído por uma dança, neste caso o *Minuete* seguido de um *Trio*. Para terminar um *Finale: Spiritoso*, que vai construindo o ambiente para o grande final.

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY: Sinfonia n.º 4, *Italiana*, op. 90

Durante a sua juventude, entre 1829 e 1831, Mendelssohn fez um périplo pela Europa a convite do pai. Visitou a Inglaterra, a Escócia, a Itália e Paris, tendo ficado emocionado sobretudo pelas músicas escocesa e italiana. Aliás, as duas sinfonias resultantes desta forte impressão — a *Italiana* e a *Escocesa* — foram das raras excepções ao fervoroso nacionalismo do compositor.

Foi durante a viagem pela Itália que começou esta Sinfonia n.º 4, sob a influência das músicas e da cultura que ia descobrindo. Não a tendo acabado, aproveitou uma encomenda da London Philharmonic Society em 1833 para a terminar. Estreou em Londres sob a sua direcção e foi também ouvida noutras cidades da Grã-Bretanha. Mendelssohn era, aliás, muito querido em Inglaterra, tendo ali dirigido diversas vezes e com sucesso, sobretudo depois do casamento da princesa Vitória, filha da rainha Vitória, com o príncipe Frederico da Prússia, protector do compositor.

Nunca satisfeito com o seu trabalho, o compositor acabou por deixar a Sinfonia *Italiana* de lado. Apesar de ter feito algumas revisões não permitiu a sua publicação, que só viria a acontecer em 1851, quatro anos após a sua morte. Curiosamente esta é hoje uma das obras mais amplamente conhecidas de Mendelssohn.

Este compositor foi responsável por alguns dos grandes marcos na evolução histórica da música. Dirigia a orquestra enquanto maestro, algo que até então era raro: a orquestra era habitualmente dirigida a partir do cravo ou pelo concertino¹. Nessas ocasiões tocava as sinfonias completas e não utilizando cada andamento como peça autónoma a agregar entre outras obras nos concertos. No entanto, a marca definitiva e verdadeiramente notável foi o seu interesse e recuperação dos compositores antigos. Em 1829 foi o primeiro a dirigir em público uma obra de J. S. Bach desde a sua morte e interessou-se também pela música de Handel. Em Inglaterra divulgou a obra destes dois compositores, tendo sido o percursor e impulsionador da sua edição.

No entanto, em termos formais e instrumentais, esta sinfonia não difere muito da sinfonia de Haydn. Além dos instrumentos anteriores há apenas mais dois trompetes. Em termos formais a estrutura é semelhante, embora a influência dos temas seja claramente italiana:

I. *Allegro vivace*;

II. *Andante con moto* — que será possivelmente inspirado de uma marcha religiosa a que Mendelssohn assistiu em Nápoles;

III. *Con moto moderato*

IV. *Saltarello: Presto* — inspirado no *Saltarello*, uma dança saltada típica de Roma e Nápoles e eventualmente também com influência da Tarantella napolitana.

Helena Romão

¹ Violinista solista, o primeiro dos I Violinos. Aliás, apesar de já não ter responsabilidades de direcção, o concertino continua nas orquestras actuais a ter um estatuto de grande importância.



SARA BRAGA SIMÕES

Vencedora de vários prémios nacionais e internacionais, Sara Braga Simões tem vindo a afirmar-se como um valor seguro do panorama musical.

Após a sua estreia no Teatro Nacional de São Carlos na temporada de 2006/2007, num recital com o tenor Carlos Guilherme, tem sido uma presença regular nas temporadas deste teatro, tendo cantado com Vessellina Kasarova na gala de abertura da temporada de 2007. Esta temporada fará a sua estreia em Londres (com a London Sinfonietta) com a estreia absoluta da ópera *O Sonho* de Pedro Amaral.

Em ópera interpretou já vários papéis principais: Pamina (*A Flauta Mágica* – Mozart), Susanna (*Le Nozze di Figaro* – Mozart), Zerlina (*Don Giovanni* – Mozart), Gretel (*Hänsel und Gretel* – Humperdinck), Despina (*Così fan Tutte* – Mozart), The Governess (*The Turn of the Screw* – Britten), La Princesse (*L'enfant et les sortilèges* – Ravel), Rowan (*The Little Sweep* – Britten), Lauretta (*La Donna di Génio Volubile* – Marcos Portugal), Spinalba (*La Spinalba* – F. António de Almeida), Bela Adormecida (*A Bela Adormecida* – O. Respighi), Marta (*Os Fugitivos* – José Eduardo Rocha), entre outros.

Em concerto, interpretou *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler, *Ein Deutsches Requiem* de Brahms, *Nuits d'été* de Berlioz, *E Vò* de Berio, *Trois poèmes* de Stephan Mallarmé de Ravel, *Te Deum* de Dvorák, *Shir* de João Pedro Oliveira, *Magnificat* de Vivaldi e *Oratória de Natal* de Saint-Saëns, entre outras.

Fez a estreia absoluta de várias obras como *Shir* de João Pedro Oliveira, *D'une saison... l'autre* de A. Lemeland, excerto de *Sonho* de Pedro Amaral, *Evil Machines* de Luís Tinoco, *Rio Profundo* de Pedro Moreira, *Os Fugitivos* de José Eduardo Rocha, entre outras. Gravou, com o pianista Luís Pipa, a integral da obra para Canto e Piano de Eurico Thomaz de Lima. Foi dirigida pelos maestros Martin André, Marc Tardue, Osvaldo Ferreira, Laurence Cummings, Pedro Amaral, Cesário Costa, António Pirolli, Peter Rundell, Ferreira Lobo, Johannes Willig, Manuel Ivo Cruz, Brad Cohen, Armando Vidal, entre outros.

Sara Braga Simões é diplomada em Canto pela Escola Superior de Música do Porto; continuou a sua formação no Estúdio de Ópera da Casa da Música. Foram seus mestres Manuela Bigail, Rui Taveira e Peter Harrison. Actualmente recebe orientação de Elisabete Matos. É também licenciada em Comunicação Social pela Universidade do Minho, tendo sido laureada com o Prémio APAP pela melhor classificação a nível nacional. *



ADRIAN FLORESCU

Nasceu na Roménia em 1975. Aos seis anos iniciou os estudos de violino na Escola Básica de Música n.º 4 de Bucareste, em 1981, e quatro anos mais tarde ingressou na Escola George Enescu, passando depois para a Escola Dinu Lipatti, na mesma cidade. É membro da Academia de Música Romena, desde 1997.

No seu país natal colaborou como violinista com inúmeras orquestras, como a Orquestra Sinfónica Estudantil Dinu Lipatti (1990-1993), tendo feito digressões em França, Grã-Bretanha, Espanha, Alemanha, Áustria e Suíça; Orquestra de Câmara Sinfónica de Bucareste (1997-2001), com digressão em França, Jugoslávia e Suíça – no Crans Montana Forum; Orquestra Sinfónica do Ministério da Defesa da Roménia (1996-1997); Orquestra Filarmónica de Constanta, na Roménia; Orquestra Sinfónica Ion Dumitrescu (1999-2000), com digressão em Itália; Orquestra Sinfónica de Giurgiu (1998-2001).

Como primeiro violino *tutti*, Adrian Florescu fez parte da Orquestra da Rádio Nacional da Roménia (1993-1995) e Orquestra de Câmara (2000-2001), e durante o serviço militar tocou com Ciocarlia, na Orquestra de Música Ciocarlia; Orquestra de Câmara Filarmónica de Bucareste (1997-2000). Entre 2000 e 2001 foi segundo concertino na Orquestra Sinfónica da Fundação Sergiu Celibidache, em Bucareste.

Em 2001, radica-se em Portugal, onde colabora até 2003 como primeiro violino no Quarteto Ensemble da Capela Real de Vila Viçosa e Quarteto Lusitano. Em Janeiro de 2004, ingressa na Orquestra Metropolitana de Lisboa como concertino auxiliar. Desde 2007 tem colaborado com a Orquestra de Câmara Portuguesa, como violinista, concertino e ensaiador-convidado. *



PEDRO CARNEIRO

Na sua tripla actividade de instrumentista, chefe de orquestra e compositor, Pedro Carneiro tem vindo a cativar plateias por toda a Europa, EUA, Ásia e Austrália.

Estudou piano, violoncelo e trompete, desde os cinco anos de idade. Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian no Guildhall School of Music and Drama, onde estudou com David Corkhill (tímpanos e percussão) e Alan Hazeldine (direcção de orquestra), onde terminou a sua licenciatura com a distinção "Head of Department Award". Como bolseiro do Centro Acanthes (Avignon, França), estudou também com o percussionista Sylvio Gualda e mais tarde, em Londres, com o marimbista Leigh Howard Stevens. Seguiu também os cursos de direcção de orquestra de Emilio Pomarico, na Accademia Internazionale della Musica em Milão.

Aclamado internacionalmente como um dos mais importantes percussionistas da actualidade, Pedro Carneiro apresenta-se regularmente como solista convidado de algumas das mais prestigiadas orquestras internacionais: Los Angeles Philharmonic, Seattle Symphony Orchestra, BBC National Orchestra of Wales, Helsinki Philharmonic, Iceland Symphony Orchestra, English Chamber Orchestra, Vienna Chamber Orchestra, Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, Leipzig Radio Symphony Orchestra, Swedish Chamber Orchestra – sob a direcção dos maestros John Storgar-

ds, Olari Elts, John Neschling, Gustavo Dudamel, Gerard Schwarz e Joseph Swensen, entre outros.

Pedro Carneiro tocou, em estreia absoluta, perto de uma centena de obras, e trabalha regularmente com prestigiados instrumentistas, orquestras e compositores. No campo da música de câmara colabora com os quartetos Tokyo, Shanghai, Chilingirian, New Zealand e Latinoamericano. Tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, uma estreita colaboração com o Quarteto Arditti, com quem vem apresentando a estreia de novos quintetos, tendo gravado já vários trabalhos discográficos.

Pedro Carneiro grava regularmente para as etiquetas ECM Records, Zig-Zag Territoires e Rattle Records. A sua extensa discografia inclui trabalhos a solo, música de câmara, assim como gravações de obras concertantes. Alguns dos seus trabalhos discográficos foram distinguidos com prémios, em particular a sua monografia de Iannis Xenakis gravada em 2004, considerada pela imprensa internacional como gravação de referência.

Apresenta-se regularmente como solista/director em diversas orquestras internacionais. É co-fundador, director artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa, "Orquestra em Residência" no Centro Cultural de Belém. *



Excertos da entrevista a Pedro Carneiro realizada no CCB, no dia 2 de Dezembro

[...] a orquestra vai tocar espectacularmente e vai tocar de pé...

Vão ter a oportunidade de ouvir música de períodos distintos com o tema das viagens...

No Natal, sendo Londres uma cidade tão emblemática nesta quadra, vamos ouvir três peças que foram estreadas em Londres, começando por A Mind of Winter do compositor londrino George Benjamin, uma peça extraordinária para soprano e orquestra que consegue simular os sons de Inverno através de dois flautins, com passagens rápidas e agudas numa série de efeitos, por exemplo, o arco do contrabaixo a passar no prato, simulando o gelo, o frio...

Nos últimos dias do Ano Haydn, vamos tocar a sua última sinfonia.

Haydn escreveu 104 sinfonias espectaculares. Igualmente espectacular é esta última sinfonia de cognome, London.

Para fechar o concerto, a sinfonia Italiana de Mendelssohn, uma encomenda da Royal Philharmonic Society. Há duas versões desta peça, mas nós vamos apresentar a original que é mais espontânea. Há uma citação incrível de Nikolaus Harnoncourt, o maestro, que diz que os violinos têm que ter um som cheio de sol, porque é um instrumento do Sul de Itália. Este programa vai iluminar este Natal, iluminar a alma de toda a gente...

Como tocamos de pé, convidámos um bailarino da Gulbenkian, o Pedro Mendes, que vai proceder ao aquecimento diário de todos os músicos. Uma série de exercícios que nos ajudam a alongar e a respirar melhor. Preparamos os nossos corpos de atletas musicais, para podermos disparar a música ainda com mais tónus.

Músicos >

Flautas Ana Catarina Costa; Natália Monteiro.
Oboés David Costa; Carla Duarte. Fagotes **Lurdes Carneiro; Ricardo Santos.** Trompetes **José Almeida; Óscar Carmo.** Clarinetes **David Silva; José Eduardo Gomes.** Trompas **Nuno Cunha; Dário Ribeiro.**
1.ºs Violinos Adrian Florescu (concertino); Pedro Lopes (concertino auxiliar); Cristiana Abreu; Jean Aroutiounian; Miguel Gomes; Daniel Bolito; Luísa Seco. **2.ºs Violinos Sara Llano; Maria João Matos; Joana Dias; Tiago Praxedes;**
Agostinha Jacinto. Violas **Hugo Diogo; Pedro Falcão;**
Susana Fernandes; Helena Leão.
Violoncelos **Luís André Ferreira, Luís Azevedo;**
Rogério Medeiros; Ângela Carneiro.
Contrabaixos **Romeu Santos; Ricardo Tapadinhas.**
Tímpanos **João Carlos Pacheco.**

OCP

“A Orquestra de Câmara Portuguesa é um dos projectos mais estimulantes dos últimos anos da música em Portugal. O maestro Pedro Carneiro conseguiu provar que é possível criar uma orquestra que potencia o talento de alguns dos melhores jovens músicos portugueses. Já se sabe. O que não sabíamos ainda é que a OCP era capaz de emocionar uma plateia com uma sinfonia de Beethoven tocada assim. A interpretação da OCP foi não apenas emocionante, mas surpreendente por revelar cada detalhe de Beethoven que podia ter sido de outra forma, sim, mas foi feita, antes, genialmente assim.” in *Público* 24/12/ 2008

Aclamado pela crítica internacional como um dos mais originais músicos da actualidade, Pedro Carneiro assegura a direcção artística da **Orquestra de Câmara Portuguesa**, onde lidera um grupo excepcional de virtuosos instrumentistas, representantes da mais nova geração de talentos musicais. **Orquestra em Residência no Centro Cultural de Belém**, pela segunda temporada consecutiva, a OCP está a criar um ensemble de excelência, funcionando como espaço de valorização dos seus músicos e plataforma de lançamento de novos intérpretes, promovendo a sua integração no mercado de trabalho musical europeu. O virtuosismo das suas actuações é reflexo do empenho e rigor que envolve a preparação de cada programa, com um mínimo de dez ensaios e a presença de um ou mais ensaiadores convidados, de reconhecido mérito nacional e internacional, como Alejandro Oliva, Andrew Swinerton, Charles Neidich, José Augusto Carneiro, Adrian Florescu ou Anibal Lima. O Centro Cultural de Belém acolheu a **OCP**, primeiro, como Orquestra Associada, e depois como Orquestra em Residência, colocando o desafio do Concerto Inaugural da Temporada 2007-2008. Deste então, a presença nos Dias da Música de Belém tem-se repetido, abrindo espaço a jovens maestros convidados pela OCP, como Pedro Amaral, Pedro Neves, Luís Carvalho e Alberto Roque. A RTP2 e a Antena 2 são os parceiros media da orquestra, para a promoção e gravação dos concertos, tendo sido transmitido várias vezes pela RTP2 o documentário por si produzido, *O Nascimento de Uma Orquestra*, onde se descreve a constituição da **OCP**, desde as audições dos músicos até à estreia. A **OCP** é um projecto com credibilidade e pertinência social e cultural, que nasce de uma acção genuína de cidadania proactiva. Deste modo, está também a desenvolver em parceria com o CCB um projecto de criação de novos públicos – “O meu amigo toca na OCP”, ligando à comunidade escolar as actividades da orquestra. No mesmo sentido, desenvolve o projecto “OCPsolidária”, de que é exemplo a participação de membros seus na Festa de Natal da Cooperativa de São Pedro. Para o ano de 2009, a Câmara Municipal de Portimão juntou-se à **OCP** como Parceiro Institucional, indo renovar este protocolo para o ano de 2010. A **OCP** estreou-se em Fevereiro, na Igreja Matriz de Portimão, e, desde então, passou a actuar ou a estrear para os portimonenses no Teatro Tempo os concertos que realiza no CCB. Ainda neste ano de 2009, a OCP esteve na abertura do 1.º Festival das Artes de Coimbra, organizado pela Fundação Inês de Castro. 2010 será marcante na história da Orquestra por ser o ano da internacionalização da OCP, com data marcada para o dia 21 de Junho, na abertura do City Festival of London.



Passion Ballet Opera

em Alta Definição

100% Full HD, 100% Dolby Surround, 100% Cultura

Veja em sua casa o melhor da Ópera,
Música Clássica e Bailado por apenas
€4,99/mês.

BRAVA HDTV, um Canal Premium ZON.



Para aderir ligue 16990

ZON